

O realismo de Bresser e a obtusidade do PMDB

O ministro Bresser Pereira, apesar do seu comportamento muitas vezes contraditório, acaba de demonstrar que é mesmo um estranho no ninho, deste desastrado governo cujos membros estão unidos tão-somente pela desmedida ambição de poder e pela chocante incapacidade de reagir aos fatos do mundo real. Por ser um dos poucos em condições de compreender o que houve na última segunda-feira nas principais bolsas de valores do mundo, o ministro da Fazenda percebeu logo as vantagens que o País teria — ou melhor, os riscos que poderia evitar — se chegasse a um acordo rapidamente com os bancos credores e suspendesse a moratória antes do agravamento da situação econômica internacional sinalizada pela violenta queda de segunda-feira passada.

Infelizmente, essa atitude de bom senso do sr. Bresser Pereira, logo transmitida aos negociadores brasileiros em Nova York, não foi acompanhada por outros integrantes do governo e muito menos por aquela conhecida parcela do PMDB que acaba de entrar "em acordo" com o presidente Sarney, que já anunciou que "não apóia" o pagamento simbólico nem qualquer outra forma de acordo com os credores que represente a suspensão da moratória "antes de uma renegociação global" da dívida externa. Ao contrário do ministro da Fazenda, estes peemedebistas não se preocupam com as consequências para o sofrido povo brasileiro da possibilidade que se configura de a economia mundial entrar num período de recessão, altas taxas de juros e forte protecionismo. Eles também não ligam para as consequências para o povo brasileiro da significativa deterioração do quadro econômico interno, refletida no recrudescimento da inflação, nas descontroladas reivindicações salariais, na elevação das taxas de juros domésticas e na inevitável desaceleração do crescimento. Tudo que lhes interessa é o quanto tudo isto pode contribuir para os seus planos de consolidar o isolamento internacional do Brasil e de perpetuar a sua miséria, o que lhes garantiria a permanência no poder.

Com a moratória feita para "manter o crescimento" e tudo, o Plano Bresser e o Plano de Controle Macroeconômico vão ficando cada vez mais distantes da realidade, que teima em seguir por caminhos diferentes dos "desenhados" pelos planejadores. Até para nossas empresas exportadoras, que vêm obtendo bons resultados na gestão do ministro Bresser Pereira, a situação começa a ficar incerta depois das nuvens cinzentas deixadas pela enorme baixa das principais bolsas de valores do mundo. Há inquestionáveis sinais de dificuldades para a economia norteamericana — e, por consequência, para todas as economias do mundo — entre eles o elevado déficit comercial, a probabilidade de alta dos juros e as pressões dos diversos lobbies protecionistas no Congresso.

Se o desfecho dessa situação for mesmo uma recessão nos EUA e uma desaceleração do crescimento nas economias européias e no Japão, as exportações brasileiras fatalmente sofrerão. Além disso, tão cedo não haverá o desejado restabelecimento do fluxo de capitais externos para o País. Outras dificuldades para a balança comercial e o balanço de pagamentos poderão surgir se houver uma grande elevação dos preços do petróleo, em função do aumento da tensão no golfo Pérsico e do crescente envolvimento dos Estados Unidos na guerra Irã-Iraque, como já está acontecendo.

Em virtude desse cenário internacional tumultuado, a renegociação da nossa dívida externa está sendo influenciada por uma série de fatores não previstos pelos autores da nossa moratória. Mas certamente recebidos com prazer por muitos deles. É evidente que, para quem não está "na deles" a nova situação exige muito bom senso e realismo. Seria extremamente oportuno, dadas as condições do momento, que o Brasil fizesse um gesto de boa vontade aos credores, deixando absolutamente claro que não pretendemos criar dificuldades adicionais nesta hora em que as principais economias desenvolvidas parecem estar sendo atingidas por uma onda de pessimismo após cinco anos de euforia.

Diante dos sinais que vêm de fora, a atual equipe econômica, se não estiver na daquele PMDB, precisa rever sua estratégia, permitindo uma recuperação gradual do nível de consumo interno, a fim de assegurar uma expansão moderada, porém firme. Este ano o crescimento do PIB não chegará aos 5% esperados, em razão do modesto resultado.

Embora a economia esteja crescendo menos, o ânimo de gastar daquele PMDB que domina o governo continua firme, o que leva os técnicos a projetar um déficit público entre 4,3 e 4,5% do PIB, isto é, superior à meta de 3,5% anunciada oficialmente, em virtude dos reajustes salariais mais elevados concedidos aos funcionários das empresas estatais e dos gastos decorrentes do aumento dos soldos militares, ainda em negociação. Além disso, os gastos com pessoal dos Estados e com o pessoal civil da União também poderão ser revistos (para cima, é claro), ameaçando todo o esforço de contenção do déficit. De acordo com dados divulgados pela Gazeta Mercantil, uma das principais fontes do déficit da União tem sido o extraordinário crescimento das despesas de pessoal após o advento da "Nova" República, que aumentaram 50% em termos reais, em comparação com 1985.

Enfim, a simples análise da evolução da conjuntura interna mostra que o ministro da Fazenda está inteiramente certo ao instruir nossos negociadores para que eles se entendam o mais depressa possível com os credores. Já temos problemas em demasia para nos dar ao luxo de carregar nas costas o fardo da moratória, como querem os políticos daquele PMDB. A hora é de realismo responsável e não de bravatas quiméricas ao gosto do ministro que antecedeu o sr. Bresser Pereira.

Felizmente, tudo indica que, apesar de ainda insistir em "marcar a sua posição" para tirar as ilusões daqueles que acreditam que nem a burrice pode resistir aos fatos quando eles são gritantes demais, aquele PMDB está agora tão envolvido nas suas manobras para comer o restinho de carne que ainda estava grudado ao osso que concede ao presidente, e em explorar as novas possibilidades que ele lhe abriu acabando de desmoralizar-se com a sua "reforma" circense, que não terá tempo nem disposição para atirar mais pedras no caminho do Brasil e do ministro Bresser Pereira. Neste caso, talvez nos possamos livrar a tempo da parte dos problemas que eles nos criaram da qual ainda é possível nos livrarmos.

JORNAL DA TARDE 22 OUT 1987